

Neurônios-espelho: o Revirão no cérebro¹

MD Magno²

Resumo: A descoberta psicanalítica do Revirão (1982) como *função catóptrica* (reversão) diferente da *função especular* (imagem) é anterior à descoberta dos neurocientistas de que a linguagem falada surge de um entendimento sintático gerado pelos neurônios-espelho. O Revirão produz a linguagem. A experiência lingüística de evocar algo *in praesentia* ou *in absentia* expõe o Revirão. Não há fronteira entre natureza e cultura: tudo é artifício, logo tudo é natural. O princípio de disjunção é universal em qualquer cultura.

Palavras-chave: neurônios-espelho; psicanálise; comunicação

Abstract: The psychoanalytical finding of the *Revirão* (reversal / return) (1982) as a catoptrical function different from the specular one (image, imitation) is previous to the neuroscientists' finding that the spoken language originates from a syntactic understanding generated by mirror neurons. The *Revirão* produces language. Linguistic experience of evoking something *in praesentia* or *in absentia* testifies to the *Revirão*. There is no frontier between nature and culture: everything is artifice, therefore everything is natural. The disjunction principle is universal in any culture.

Keywords: mirror neurons; psychoanalysis; communication

A revista *Mente & Cérebro*, editada no Brasil pela *Scientific American*, acaba de publicar um artigo de David Dobbs (2006) sobre os neurônios-espelho. Os pesquisadores estão impressionados a ponto de achar que esses neurônios, espalhados por várias regiões cerebrais, serão para a neurociência – portanto, para as psicologias – o mesmo que foi o DNA para a biologia. Sua primeira função nos bebês, e em todas as pessoas depois, é permitir o que chamam de empatia e imitação. Dizem que alguns primatas também os têm, mas numa quantidade tão pequena que não os possibilita fazer o mesmo que as crianças humanas. Várias patologias psicossociais parecem poder ser remetidas a eles, principalmente o autismo, considerado uma falha desses neurônios, os quais seriam também responsáveis pela aprendizagem na medida em que as crianças, por imitação – gestos, sons, etc. –, entendem o que um outro está fazendo.

Segundo o artigo, os neurônios-espelho foram descobertos há dez anos por três neurocientistas da Universidade de Parma, na Itália: Giacomo Rizzolatti, Vittorio Gallese e Leonardo Fogassi (Gallese, 1996). Depois, outros pesquisadores aderiram, como o neurocientista cognitivo Vilayanur Ramachandran, da Universidade da

¹ Texto retirado da seção do Falatório (exposição oral) do autor realizada em 10 junho 2006, na UniverCidadeDeDeus. Texto estabelecido por: Potiguara Mendes da Silveira Jr.

² Psicanalista. Professor aposentado (Eco / UFRJ e UERJ). Ex-Professor do Depto. de Psicanálise de Vincennes. Email: mdmagno@novamente.org.br

Califórnia de San Diego. A descoberta ocorreu ao observarem um primata com eletrodos ligados a neurônios individuais no córtex pré-motor, para estudar sua atividade neural ao estender a mão para pegar diferentes objetos. Vendo Fogassi casualmente pegar uma uva passa, os neurônios pré-motores do animal dispararam como se ele próprio a estivesse pegando. O macaco não o imitou, mas o movimento foi registrado em seu cérebro como se fosse dele na mesma região em que é feita a centralização do movimento no cientista. Como nos interessa aqui o ser humano, o que descobrem é que não só imitamos como também, se estivermos olhando ou ouvindo as ações de outra pessoa, nosso cérebro funciona como se estivéssemos fazendo aquelas ações. E mais, que a compreensão dos acontecimentos, dos movimentos, se dá, primeiro, através desses neurônios. Se estivermos assistindo um atleta fazendo algo que não fazemos, para nossos cérebros é como se o estivéssemos fazendo. Ou seja, aprende-se aquilo do ponto de vista cerebral, e não corporal.

Meu interesse é, sobretudo, a descoberta de que a linguagem falada surge de um entendimento sintático gerado pelos neurônios-espelho, pois se coaduna com a aposta que fiz em 1982 de que, um dia, descobririam o Revirão no cérebro. Pensei que fosse demorar mais, mas já começaram a descobrir: o que produz a linguagem é a organização sintática dos neurônios-espelho simplesmente observando o mundo.

A seguir, apresentarei um pequeno histórico da questão e de meu percurso dentro dela.

O Revirão no cérebro

A relação com o espelho, na psicologia, começa com Henri Wallon (1879-1962) (Wallon [1931]) e se desenvolve com as pesquisas do fundador da moderna etologia, Konrad Lorenz (1903-1989). Jacques Lacan (1901-1981) aproveita estes dois primeiros passos e cria a idéia de “estádio do espelho” (Lacan [1949]: 93-100), no qual, para uma criança em seus dezoito meses, funda-se a função Eu. Ele introduz sua concepção de sujeito aí na confluência, para a criança, da imagem especular com a presença de um segundo – no caso, terceiro em relação à imagem no espelho – que vai garantir que aquele de lá é o de cá. Para mim, o que se explicita no estádio do espelho – e também no artigo que citei no início, tirante o fato de neste se garantir que uma sintaxe produzida pelos neurônios-espelho gera a linguagem – é a *função especular do espelho*. Lacan não pensava isto, e sim no poder do significante já encontrado no mundo quando a criança nasce. Por isso, dirá: “*L’inconscient est structuré comme un langage*”. E mais: “*Le langage est la condition de l’inconscient*”. Serge Leclair (1924-1994), baseado em seus achados psicanalíticos, já questionara este segundo lema quando Lacan era vivo.

Em 1982, no Seminário *A Música* (Magno [1982]), foi quando adiantei a idéia de *função catóptrica* e a *lógica do Revirão*, cuja estrutura primeira está no artigo *O Hífen na Barra*, de 1972 (Magno [1976]: 95-105). Função catóptrica não é o mesmo que função especular. Esta última é reconhecimento de imagem ou de imitação. As imitações são especulares, coisa que Lacan incluiria em seu conceito de imaginário. Já a função catóptrica é: a reversão lógica contida no REVIRÃO (cf. Glossário, no final),

diante da imagem no espelho, produz a linguagem. Ou seja, a constituição do Revirão é que produz a linguagem. É o que venho dizendo desde então: o Revirão produz a linguagem. Como coloquei o Haver (cf. Glossário) – e o Revirão como seu esquema –, ao contrário de Lacan, disse: *L’Inconscient est condition du langage*. Ou seja, o Inconsciente, como Haver – e este em qualquer situação, humana ou não –, é a condição da linguagem. Então, em havendo Revirão na espécie humana, acabei chamando o Revirão de: A Linguagem. Meus passos foram: o Inconsciente como condição da Linguagem; o Inconsciente se estrutura como Revirão; o Revirão é a Linguagem. É isto que está começando a ser provado hoje: o Revirão é o que produz a linguagem. Fiz também uma brincadeira com a frase de Lacan dizendo: *L’Inconscient est structuré comme on l’engage*. Quando tomamos esta estrutura dada pelo Primário e a engajamos no mundo, mostra-se a estrutura do Inconsciente como linguagem e, daí para a frente, a linguagem funcionando como herdeira desse movimento.

Então, para fazer uma distinção didática, coloquei: Inconsciente = Haver, e Linguagem = Revirão. Portanto, as linguagens, quaisquer linguagens, derivam do Revirão. É importante também lembrar que, em nossa espécie, o Revirão é ORIGINÁRIO – é origem do SECUNDÁRIO e do entendimento do PRIMÁRIO –, mas (como tudo, aliás) está inscrito no Primário.

A função catóptrica

Em 1983, apresentei um texto intitulado *A Reflexão da Imagem Própria como Matriz Simbólica no Estádio do Espelho* (Magno [1983]: 20-28), em que faço a suposição de que os cientistas acabariam descobrindo em laboratório a distinção entre o macaco e o humano, por exemplo. Os macacos certamente têm alguns desses neurônios, aprendem coisas e gestos, por imitação, mas justamente não falam nem falarão por não terem condição de reconhecimento do Revirão e da função catóptrica. Eles reconhecem a função especular, que é mais adiantada neles do que em outros animais, mas talvez não tenham condições de atingir a função catóptrica por deficiência até quantitativa desses neurônios. Então, agora que os pesquisadores descobriram que os neurônios-espelho estão espalhados por várias regiões cerebrais – áreas do córtex pré-motor e parietal inferior, lobo parietal posterior, sulco temporal superior e ínsula –, e numa quantidade que nem imaginavam, repito que jamais pensei o Revirão como uma região do cérebro, e sim como uma funcionalidade sua. Então, para mim, o que descobriram é que há um tipo de neurônio catóptrico, ou que, pelo menos em seu conjunto, esses neurônios constituem a função catóptrica. Os pesquisadores não falam nisto, mas arriscam algo que corrobora a minha idéia de função catóptrica: que os neurônios-espelho são os produtores da linguagem.

A linguagem não cai do céu e o significante não vem de fora, como Lacan pensava. A linguagem está instalada no *hardware*, é uma função do cérebro humano. E mais, é uma função do Haver por inteiro. O Haver não fica falando, mas está organizado da mesma maneira. Então, uma vez que sempre afirmei que os cientistas encontrariam o Revirão no cérebro e o situei instalado no Primário, faço a suposição de que somos os primeiros a revelar a função catóptrica ora situável nos neurônios-

espelho. Eles descobriram no laboratório, mas nós já os tínhamos descrito anteriormente.

Os neurocientistas não falam em *função catóptrica*, mas, como pertencem ao grupo das ciências cognitivas, acabarão por entender que, para a lingüística, é simples demonstrar o Revirão. Um lingüista, a partir dessa descoberta dos neurocientistas, tem chance de se dar conta tanto do Revirão quanto do Princípio de Exclusão, e, portanto, do Princípio de RECALQUE. Mesmo se tratarmos como um significante qualquer, em havendo essa disponibilidade no cérebro, ainda que viesse crescendo com os homens nos últimos cinquenta mil anos, é fácil supor que os grunhidos dos primitivos tenham sido classificados por eles. A linguagem falada no começo poderia ser *oh* para uma coisa e *ah* para outra. Isso, repetido milhões de vezes, vai aumentando o conjunto de sons, vai se complicando e formando uma língua. A sintaxe é produzida pelo cérebro, por esses neurônios talvez. As coisas do Haver têm sua sintaxe. Tudo é sintático e isso acontece naturalmente: o sol nasce para se pôr depois, etc.

Agora, imaginemos o seguinte:

$$\frac{\text{noite}}{\text{escuro}}$$

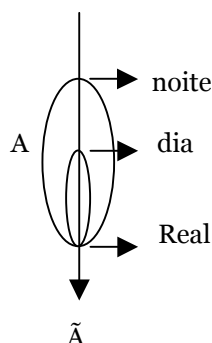
Noite como significante e *escuro* como experiência. Se quiserem usar o signo de Ferdinand de Saussure (1857-1913) ([1915]), seriam: significante e significado. Continuando, coloquemos:

$$\frac{\text{noite}}{\text{escuro}} = \frac{\text{dia}}{\text{claro}}$$

Ou seja, as pessoas tiveram experiência de escuro, disseram *oh*, e de claro, disseram *ah*. São gênios, pois conseguiram falar duas palavras e mantê-las, o que é mais difícil. Assim, tomando a língua na complexidade que tiver em qualquer momento depois, um lingüista perceberá que é uma razão: noite está para escuro, assim como dia está para claro. Se fizermos um jogo cruzado só com significantes, veremos que a pessoa teve a experiência, mas manteve os significantes, o que significa que pode evocar os significantes *in praesentia* ou *in absentia*, como dizem os lingüistas:

$$\frac{\text{noite}}{\text{escuro}} \begin{array}{c} \nearrow \text{dia} \\ \searrow \text{claro} \end{array}$$

Se evocar o escuro quando estiver escuro, chamará de noite, e se evocar o escuro quando estiver claro, continuará chamando de noite, mas a experiência estará cruzada. Esta é a prova do Revirão na lingüística. O ponto de cruzamento é como se fosse aquele que, no desenho do oito interior, chamo de Real. É o ponto onde se cruzam as idéias:



Vejam que a pura e simples experiência lingüística de poder evocar algo *in praesentia* ou *in absentia* já expõe o Revirão. O sinal de igualdade indica que deve haver analogia entre os neurônios-espelho e os modos de construção do Haver. Portanto, qualquer indivíduo desta espécie, contendo esses neurônios com função catóptrica, consegue evocar *in absentia*.

Provavelmente, os pesquisadores descobrirão animais que não têm condição de evocar a experiência de noite só porque está claro: eles sabem acompanhar, mas não evocar. Outros, mais inteligentes, suponho eu, serão capazes de evocar a experiência, lembram-se de que há escuro e claro, mas não de fazer a reversão. Entretanto, nossa espécie não apenas lembra como evoca e dá nome *in absentia*. É daí que nasce tudo: metáfora, etc. Os cientistas têm razão, o Revirão, como digo, é como se fosse o DNA da psicologia. Dele sai tudo, no Secundário, no Primário e em todas as regiões. Lembrem-se de que Freud falava sobre o sentido antitético das palavras primitivas, e, melhor ainda, sobre a reversão das pulsões. Ele mostrou – e todos, em seu cotidiano, sabem – que as pulsões se avessam com facilidade. O Revirão das pulsões é evidente em análise (Freud [1910e]: 137-146, e [1915c]: 129-135).

Nossa espécie tem a experiência e, mesmo estando ausente no momento, pode evocá-la. Esta função é que produz o regime Secundário. É uma função originária que está inscrita no Primário. Chamei-a de Originário porque nossa origem biótica pode vir do macaco, segundo o ponto de vista de Darwin, mas a origem, digamos, original de nossa espécie, é haver Revirão. Por exemplo, referindo-nos à consideração de Émile Benveniste (1902-1976) a respeito do que o zoólogo Karl von Frisch (1886-1982) apresenta sobre as abelhas (Benveniste, 1966: 56-62), podemos dizer que elas são capazes de comunicar, no sentido de terem uma experiência ali, virem para aqui e inventar um jeito de contá-la. Isto não é o mesmo que tomar a experiência e nela colar um significante, tomar outra experiência, eventualmente oposta àquela, colar outro significante e os cruzar. A primeira parte é especular. Elas fazem um rodeio que dá a impressão de ser significante por não ser a coisa, mas elas estão apenas trazendo a mensagem para cá. Em sua espécie, já há uma inscrição etológica qualquer que as torna capazes de movimentos do corpo para dizer que há aquilo lá.

Por outro lado, nos esquemas que fiz acima, é preciso: uma oposição; o nome para as duas oposições; e o nome evocar *in absentia*. Falando em termos saussureanos, o significante evoca na ausência, pois começa a correr sozinho: como enchamos a cabeça de palavras, a qualquer momento podemos pegar uma, a qual não corresponde à experiência aqui e agora, mas sim a uma experiência que dantes tivemos. Ainda que, nas abelhas, haja um germe disto, não é o mesmo que acontece. Os animais registram as experiências, mas não sabem dizê-las, não produzem um Secundário fixado – um nome para uma experiência, outro nome para outra –, em que é possível falar de nome para nome e largar a experiência concreta do aqui e agora. Quanto a isto, parece que Saussure tinha razão: trabalhamos com signos constituídos assim.

Não tenho certeza se os animais não se descolam da percepção, pois não conheço experiência de laboratório que comprove isto. Já em nossa espécie, temos a prova de escrever um longo texto ou falar longamente usando a parte que Saussure chamou de significante para nomear experiências presentes em nosso registro, mas ausentes do momento atual. Isto significa que temos condições de fazer um cruzamento, que é o que me interessa: diante do claro, falamos *noite*; diante do escuro, *dia*. Lembremos também que, embora não tenha posto o conceito de Revirão e hoje tenhamos prova de laboratório, Freud falou em *fort-da* para mostrar o momento estrutural em que a criança evocava *in absentia* (Freud [1920g]: 25-29).

Tudo é artifício

Como Claude Lévi-Strauss (1908-) resolve tomar a interdição do incesto como universal? (Resolve sozinho, aliás, pois, para demonstrar isto, diz que nove entre dez antropólogos acham assim). E que a interdição do incesto é passagem de Natureza a Cultura (Lévi-Strauss [1947])? Isto se torna algo engraçado agora que o tempo passou e podemos fazer sua crítica. Sua proporção foi:

$$\frac{\text{natural}}{\text{universal}} = \frac{\text{artificial}}{\text{cultural}}$$

Tudo que é natural é universal, tudo que é artificial é cultural. Ora, se a interdição do incesto, segundo ele, é universal sendo artificial, então cruza:

$$\frac{\text{natural}}{\text{universal}} \begin{array}{c} \nearrow \\ \searrow \end{array} \frac{\text{artificial}}{\text{cultural}}$$

Se a interdição do incesto é artificial e é universal, funciona como se fosse natural. Então, como está indicado no centro da razão acima, só pode ser uma passagem de natureza a cultura. O engraçado aí é perguntar: mas o que não o seria? Ele toma a interdição do incesto porque é antropólogo e procura um universal nos

comportamentos sociais. Aí, aliás, o incesto é freqüente, portanto sua interdição. Mas *falar* não é mais universal para a espécie do que a interdição do incesto? Portanto, falar é passagem de natureza a cultura? O que Lévi-Straus não viu é que não há distinção, fronteira, entre natureza e cultura. A conclusão a se tirar – como venho dizendo desde o início de meu trabalho – é que não há distinção entre natureza e artifício: *tudo é artifício, logo tudo é natural*.

O Princípio de Exclusão é, da possibilidade de uma evocação, podermos retirar qualquer parte. Tudo é evocável no mesmo momento, independente da experiência externa aqui e agora – a interna está gravada e associada certamente ao nome dado: *oh* ou *ah*, por exemplo –, no entanto, é possível fazer exclusões: separar um pedaço para lá e outro para cá. Se apenas fizéssemos exclusões momentâneas, estaríamos usando o que Freud chamou *Urteilsverwerfung*, que traduzo por Juízo Foraclusivo, entretanto, a entrada nos comportamentos de qualquer grupo exige que se marque isso como interdição – portanto, como processo de recalque. Ou seja, a interdição, mesmo do incesto, tem a ver com o processo de recalque, e não com passagem de natureza a cultura (no sentido de Lévi-Strauss). Então, faz sentido se ele entender que uma cultura só se constitui sobre o recalque, mas, do ponto de vista da estrutura, da constituição das formações, não há diferença entre natureza e cultura. O que existe é diferença entre constituições de certo modo de cultura por exclusão e recalque. Isto não é diferente de natureza, mas é parcialização dela. É fazer um círculo de recorte dentro do Haver, o que não é fazer passagem de natureza a cultura, e sim empobrecer o campo e, mediante recalque, reduzi-lo a determinado grupo de comportamentos.

Há, portanto, uma incompatibilidade, um verdadeiro dilema dentro do cérebro, pois os neurônios-espelho, em sua função catóptrica, são incompatíveis com a regionalização do resto do Primário e têm que sofrer recalque, nem que seja pelo corpo. O Primário recalca, pois, para eles, vale tudo, aceitam entrar em qualquer situação. Colocamos a mão no fogo e queima, então, temos que recalcar o gosto maravilhoso que seria pegar no fogo. Não é preciso ninguém proibir, pois já há o próprio corpo, o Primário, recalcando. Quanto aos comportamentos, a família, por exemplo, impõe que devemos agir como ela diz, e não buscar modos diferentes – e isto é a cultura. Por outro lado, se deixar uma criança solta, ela sofrerá inúmeras confusões ou apanhará muito, pois só aprenderá o recalque diretamente com as FORMAÇÕES dadas DO HAVER, o que poderá ser fatal. Portanto, no decorrer da história da humanidade, foi preciso que alguém menos estúpido descobrisse que era melhor pensar o fogo antes de se queimar e transmitir isto aos outros.

O princípio de disjunção

Lévi-Strauss decidiu que a maioria dos antropólogos sempre encontrava interdição do incesto nas culturas, por isso tomou-a como universal. Suponho que, para um grupo humano que começa a nomear os indivíduos em sua relação de parentesco com outros, seja fácil usar a interdição do incesto para organizar esta nomeação, mas só isto. Não é um universal que se usa, e sim um freqüente que facilita. Uma cultura hiper-secundarizada como a nossa precisa de interdição do

incesto para quê? É só uma repetição do quase-macaco que fazemos até hoje porque virou um sintoma moral – não muito respeitado, aliás. O que podemos pensar é que, em toda cultura, há um universal que é: fazer recorte. Concordaríamos se Lévi-Strauss dissesse que toda cultura tem interdições. Lembremos também que ele não foi tolo, pois disse que a interdição do incesto organiza a ordem do parentesco. Isto é aceitável, mas não por ser universal, e sim um facilitador. Por isso, a interdição do incesto é figurada das mais diversas maneiras. Em certas culturas, é proibido o irmão e a irmã verem um ao outro comendo. Isto só para poder dizer que irmão é aquele que não vê a outra comendo. O universal é que não existem culturas sem recorte, sem exclusão, sem recalque.

Se tomarmos o exemplo de *Édipo* – de cuja anedota, aliás, temos que nos libertar de uma vez por todas –, veremos que o que lá existe é apenas um Princípio de Disjunção: algo vem separar aquilo que está colado. Sem o entendimento do *separare*, não há como entrar no processo de exclusão e recalque. Os textos iniciais de Freud chegam a ser bobos – o menino com a mãe, a menina com o pai... –, quando se trata de fato de alguma instância, qualquer, que separa. Como as pessoas em geral não são tão inteligentes, tomam a obra de alguém que estava montando um aparelho de entendimento e ficam só com a anedota. Se acaso Sófocles quis falar disso, trata-se de uma metáfora, mas não há que ficar com ela, e sim com o raciocínio abstrato que ela representa. Repetindo, é um princípio de disjunção exercido por qualquer função impeditiva. Tirésias não foi punido e virou mulher por impedir a cópula das cobras? Ele foi o agente do princípio de disjunção e trocou de sexo: entrou no Revirão, ou seja, comemorou a cópula.

Evocar algo *in absentia* é o processo de reversão, o Revirão por inteiro. Podemos passar de *noite* para *dia* no Secundário à vontade, independentemente de a experiência ser aqui e agora. De início, os opostos são instalados pela experiência *in praesentia*. Estamos diante do dia e vemos que escurece, aí estamos diante da noite. Em algum momento, aquilo começa a ser nomeado e se faz uma marca para cada experiência. Depois, começa-se a usar apenas a marca: toma-se a marca e diz-se *noite*, mas fora não está a experiência de noite. Este é o princípio da linguagem. Se não temos um nome para cada experiência, ficamos angustiados. Há que tornar-se poeta e inventar um nome para aquilo que não está lá. Ou bem se inventa, e se tem sucesso onde o paranóico fracassa; ou bem se é doido... O poeta está acossado por uma presentificação que ainda não tem marca. É um empuxo no sentido de uma significação e ele se vira para colocá-lo realmente como uma FORMAÇÃO DO HAVER manipulável por qualquer um.

Nos textos *O Estalo do Espelho* e *O Epitáfio do Espelho*, retomei a questão da função catóptrica sobre o estádio do espelho, em que Lacan pensa o júbilo da criança como da ordem do especular (Magno [1988]). Minha pergunta foi: se alguns animais, como sabemos hoje, reconhecem a imagem no espelho e não entram em júbilo, por que nossa espécie entra? Parece que, em sua cabeça, algo goza. É, aliás, isso que marca, pois é uma experiência vigorosa. O bebê deve ficar num fricote terrível, já que aquilo lá mexeu com umas coisas que encontra correspondentes ali nele. É a “ereção abstrata no fundo da alma” de que fala Fernando Pessoa.

Se tomarmos o que Freud dizia sobre representação de coisa (*Sachvorstellung*) e representação de palavra (*Wortvorstellung*), veremos que uma experiência pela experiência é representação só de coisa (Freud [1915e]). Quando damos uma marca para a experiência, que é o que Lacan quer chamar de representação, fazemos uma representação de palavra, aderida até à representação de coisa. Assim, temos uma representação de coisa colada a uma representação de palavra. Mas como a língua desliza, a representação de palavra para a mesma coisa pode ser infinita. Donde, a poesia. As palavras ficam gastas, perdem o impacto. Aí é que o poeta procura dizer de outra maneira para poder recuperar a força da coisa. Trata-se de recuperar a força da experiência mudando as palavras para dizer aquilo, e não repetir o que está no jargão. Quando propus a idéia de Revirão, foi uma dificuldade dar-lhe um nome. Lembrei-me de James Joyce (1882-1941), de seu *riverrun*, que, se não revira, pelo menos dá a volta. Quem ajudou foi Glauber Rocha (1939-1982), que intitulou um livro seu *Riverão Sussuarana* (Rocha, 1977). O nome correto ali seria Revirão, mas ele certamente seguira a via dos irmãos Campos, que traduziram *riverrun* por *riocorrente* (Campos, 1971).

Reconheço isso tudo nos neurônio-espelho, pois já havia pensado essas coisas. Os cientistas acham que tudo se resolve em seus laboratórios, mas, se prestarmos atenção, também nós veremos e basta aguardar maiores confirmações. O enfoque deles depende de ver a coisa funcionando, como também vi, aliás. O que fizeram foi colocar uns aparelhos e observar que um tipo de neurônio faz daquele modo. Os lingüistas, se já não o fizeram, juntarão as etapas, pois não há como não fazer assim. Os biólogos também reconhecerão, pois há precursores para o que acharam em laboratório: Wallon, Lacan, o Revirão, etc. Estes já tinham entendido o processo e apostado, como eu pelo menos, que está dentro do cérebro. Em algum momento, cheguei a pensar que o cruzamento especular do tronco cerebral pudesse ser responsável pelo Revirão, agora vejo que é mais delicado, que há neurônios especializados em revirar. Q.E.D.

Referências

- BENVENISTE, Émile. Communication Animale et Langage Humain. *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris : Gallimard, 1966. p. 56-62
- CAMPOS, Augusto e Haroldo. *Panaroma do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DOBBS, David. Reflexo Revelador. *Mente & Cérebro*. *Scientific American Brasil*: ano xiv, nº161, 2006. p. 46-51. Trad.: Júlio de Oliveira
- FREUD, Sigmund. [1920g] *Além do Princípio do Prazer*. ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 11-85. Título original: *Jenseits des Lustprinzips*
- _____. [1915c] *Os Instintos e suas Vicissitudes*. ESB, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 129-135. Título original: *Triebe um Triebeshicksale*
- _____. [1915e] *O Inconsciente*. ESB, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 185-245. Título original: *Das Unbebewusste*

_____. [1910e] *A Significação Antitética das Palavras Primitivas*. ESB, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 137-146. Título original: *Über den Gegensinn des Urworte*

GALLESE, V., FADIGA, L., FOGASSI, L. e RIZZOLATTI, G. Action Recognition in the Premotor Cortex. *Brain*, vol. 119, n° 2, p. 593-609, 1996.

<http://brain.oxfordjournals.org/cgi/content/abstract/119/2/593>

LACAN, Jacques. [1949] *Le Stade du Miroir comme Formateur de la Fonction du Je telle quelle nous est Revelée en Psychanalyse*. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LÉVI-STRAUSS, Claude. [1947] *Les Structures Élémentaires de la Parenté*. Paris : Mouton, 1973.

MAGNO, MD. [2000/2001] *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga” e Clínica da Razão Prática*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2003.

_____. [1999] *A Psicanálise, Novamente: um Pensamento para o Século II da Era Freudiana*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.

_____. [1989] *Est’Ética da Psicanálise: Introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. [1988] *De Mysterio Magno: a Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1990.

_____. [1986-87] *O Sexo dos Anjos: a Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988.

_____. [1983] *Ordem e Progresso: Por Dom e Regresso*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1987.

_____. [1982] *A Música*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.

_____. [1976] *Senso Contra Censo. Da obra-de-arte, etc*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

ROCHA, Glauber. *Riverão Sussuarana*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1915] *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1972. Publicado por : Charles Bally e Albert Secheyne

WALLON, Henri. [1931] Comment se développe chez l’enfant la notion de corps propre. *Journal de Psychologie*: Novembro-dezembro 1931: 705-748.

Pequeno Glossário

ALEI – “Haver desejo de não-Haver”, ou “Haver quer não-Haver”. Estenografa-se como: A→Ã. Axioma de base e fundamento da Nova Psicanálise. É a máquina fundamental da clínica, que Freud chamou de Pulsão (de Morte), conceito que visa o Gozo Absoluto e definitivo: extinguir-se, sumir radicalmente de si mesmo, seja no nível micro (homem), seja no macro (Haver).

Arte – Produção do Novo, da invenção, da criação, para além de qualquer formação já dada. O radical ART tomado no sentido etimológico de processo puro e simples de *articulação*, que, generalizado, chamará de Arte todo e qualquer processo de criação.

Artifício Espontâneo – O já dado, presente no Haver desde sempre. Inclui o que se chama de Natureza.

Artifício Industrial – Aquele produzido pelas IdioFormações, que têm a possibilidade de forçar a reversão do espontâneo, do já dado.

Cais Absoluto – Lugar à beira do não-Haver, quando o conjunto pleno do que há é oposto ao que não-há, o qual, mesmo não havendo, é requerido pelo Haver. Lugar que vincula todos a ele, e não todos entre si. Lugar de máxima afetação e angústia. Lugar do Vínculo Absoluto e da HiperDeterminação. (Termo retirado de Fernando Pessoa).

Catoptria (Princípio de) – Do grego *kátoptron*: ‘luz’, ‘espelho’, ‘refletor’. Função especular produtora de avessamento, produtora de Revirão: requerer o não-Haver, não achá-lo e retornar sobre si mesmo no sentido de absoluta reversão.

Formação – Qualquer coisa que se forme, conjunto, agregado, de qualquer espécie. Toda e qualquer conjuntura destacável, desenhável, dentro do Haver, seja qual for a forma ou a materialidade de seus elementos ou dela mesma. O próprio Haver em sua plenitude é uma formação (aliás, de última instância), assim como o é o Revirão que se supõe funcionar dentro do Haver.

Formação do Haver – Termo genérico para designar que tudo no Haver comparece como formações, inclusive as formações ditas psíquicas. Qualquer formação do Haver se movimenta no empuxo da ALEI, como ressonância ou metáfora da impossibilidade última de Haver passar a não-Haver.

Haver (A) – Conjunto aberto de tudo que há e que pode vir a haver. Inclui o chamado Universo.

HiperDeterminação – Para além das determinações e sobredeterminações primárias e secundárias, o que hiperdetermina o Haver em seu movimento de estados e modalizações é sua Causa, o não-Haver, *Ã*, que, como o nome diz, lhe é tão exterior que nem há, mas que nele se inscreve de algum modo e se re-inscreve na espécie humana. Estar referido à HiperDeterminação é quando se indiferencia tudo e se exaspera apenas a Diferença última entre Haver e não-Haver. Desenha-se, em última instância, como o aparelho do Revirão.

IdioFormação – Uma (qualquer) formação que tenha disponível para si (mesmo que não aplicada *hic et nunc*) a HiperDeterminação. O Haver e o Homem são exemplos de IdioFormações.

IdioFormação (Princípio de) – *Ídios*: ‘mesmo’. O universo tem uma formação em reflexão, espelho, catoptria e, em última instância, produz algo que reflete a sua reflexão. Repete-se a si mesmo de maneiras as mais variadas. Ver Catoptria (Princípio de).

(In)Consciente – O que se passa entre Haver, com todas as suas formações modais, e não-Haver. Toda vez que nos aproximamos de qualquer formação, aparece o (In)Consciente enquanto (não)relação entre as formações do Haver (como um todo) e o não-Haver (que pode forçar alguma HiperDeterminação).

Indiferenciação (Indiferença) – Estado neutro do Real. É deslocar, disponibilizar-se à HiperDeterminação.

não-Haver (Ã) – Averso radical de Haver. Para as IdioFormações, tudo pode ser avessado, dialetizado, catoptrizado. Portanto, por sua constituição íntima, por sua estrutura mental, não podem não conjecturar o não-Haver de última instância.

NovaMente (ou Nova Psicanálise) – Criada em 1986, por MD Magno na linhagem de Freud e Lacan, é uma reedificação da psicanálise com base nos mais importantes achados desses dois mestres, que têm se mostrado à altura de orientar uma teoria compatível com a situação atual do mundo, sobretudo em seus aspectos de ciência e de saber. Coaduna-se com as teorias científicas contemporâneas e freqüentemente demonstrou antecipá-las em diversos pontos cruciais. Pode ser definida como um aparelho clínico de simulação da suspensão dos recalques.

Originário – Cf. Recalque (Regimes do)

Primário – Cf. Recalque (Regimes do)

Pulsão – Único conceito fundamental da Nova Psicanálise, conforme elaborado por Freud, em sua última instância, como Pulsão de Morte. Inscreve-se como movimento de libido e estrutura-se como Revirão. Modo de funcionamento do Haver, *i.e.*, o próprio movimento do que há. Deste conceito se deduzem todos os outros conceitos.

Recalque – Conceito elástico, dinâmico e polivalente, que estrutura todo o pensamento psicanalítico. O que quer que não esteja comparecendo aqui e agora é da ordem do Recalque. O que quer que se defronte, mais ou menos opressivamente, com o Revirão é fundação de Recalque.

Recalque (Regimes ou Registros de) – 1º) **Primário** – Formações que o Haver oferece espontaneamente. As formações materiais existentes no Haver. No Primário de nosso corpo há dois níveis: *autossoma* (constituição biótica) e *etossoma* (conjunto dos comportamentos inerentes ao autossoma). 2º) **Secundário** – Regime produzido pelas IdioFormações enquanto referidas ao Primário (etossoma e autossoma), mas empuxados pelo Originário, que é sua competência de reviramento radical do que quer que se lhes apresente. Inclui o que se chama de simbólico e de cultura. 3º) **Originário** – Fundamenta-se na axiomatização da ALEI. Competência que têm as IdioFormações de reviramento radical do que quer que lhes seja apresentado. Quebra de Simetria no Haver e no psiquismo, dada pela impossibilidade de o Haver passar a não-Haver.

Revirão – Máquina lógica tomada como metáfora dos movimentos do psiquismo e do Haver. Decorre da ALEI e se presentifica para as IdioFormações na possibilidade que têm de pensar, querer e mesmo produzir o avesso de tudo que lhes é apresentado.

Secundário – Cf. Recalque (Regimes do)

Simetria – Inscrita na ALEI, Haver desejo de não-Haver, o que é a imposição do desejo como desejo de simetria.

Simetria, Quebra de – O Haver ter desejado seu simétrico enantiomórfico, seu avesso catóptrico, seu avesso diante de um espelho absoluto, e não conseguir atingi-lo por impossibilidade. Ocorre, portanto, pelo simples fato de que o não-Haver não há. Inclui o que Freud chamou de castração e indicou como recalque originário.